

POÉTICAS FEMINISTAS AFROCOLOMBIANAS PARA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

AFROCOLOMBIAN FEMINIST POETICS FOR CHILDHOOD EDUCATION

Artur Oriel Pereira 1

Flávio Santiago 2

Mestrando em Educação na Linha Educação e Ciências Sociais, pela 1
Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Especialista
em Sociopsicologia, pela Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação
Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Licenciado em Letras, pela
Faculdade do Vale Elvira Dayrell. Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de
São Paulo. Professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura
do Município de São Paulo. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em
Educação e Diferenciação Sociocultural (GEPEDISC) - Culturas Infantis, atuando
nos temas: pedagogia da infância, sociologia da infância, amizades, relações de
gênero e relações raciais. E-mail: arturoriel@gmail.com

Doutor em Educação pelo programa de pós-graduação em Educação 2
da Faculdade de Educação - UNICAMP (2019), mestre também pelo pós-
graduação em Educação da Faculdade de Educação - UNICAMP (2014) e
licenciado em pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (2011).
Durante o doutoramento realizou estágio sanduíche na Università degli Studi di
Milano-Bicocca - Itália. Atualmente participa do Grupo de Estudos e Pesquisa
em Educação e Diferenciação Sociocultural - linha Culturas Infantis (UNICAMP)
e tem desenvolvido pesquisas nos seguintes temas: pós-colonialismo,
pedagogia da infância, relações raciais, relações de gênero e educação das
relações étnico-raciais em creches e pré-escolas.
E-mail: flavio.frvinho@gmail.com

Resumo: Nas sociedades de matriz africana lorubá, Agni-Akan e Senufo as concepções de masculinidade e feminilidade transcendem as lógicas da colonialidade do poder, ser e saber. Para esses povos, o corpo é tomado como elemento histórico e ancestral, sendo um fator de individualização, de trabalho e de reprodução das funções sociais destinadas aos sexos. Com o movimento da diáspora africana, os conhecimentos remanescentes dessas cosmovisões reverberam em diferentes elementos da cultura latino-americana, construindo processos de hibridização e núcleos de resistências culturais. Nesse contexto, vemos mulheres griôs afrocolombianas reescrevendo histórias infantis, resignificando as relações raciais e de gênero, procurando evidenciar outras possibilidades, diferentes das impostas pela colonialidade eurocêntrica. A partir desse quadro, este trabalho procura apontar representações para se pensar as questões de gênero, raça e corpo nas obras da poetisa griô Mary Grueso Romero. Trata-se de uma pesquisa construída com aporte teórico dos estudos decoloniais e do pensamento feminista negro, buscando a ampliação das nossas percepções a respeito de sermos, meninas, meninos, negras e não negras, de modo a invitar a construção de uma pedagogia descolonizadora desde a creche.
Palavras-chave: Diáspora africana. Relações de gênero. Pedagogia descolonizadora. Literatura infantil.

Abstract: In the African origin societies of Yoruba, Agni-Akan and Senufo the conceptions of masculinity and femininity transcend the logics of the coloniality of power, being and knowledge. To these peoples, the body is taken as a historical and ancestral element, being a factor of individualization, of labour and of reproduction of social functions destined to the sexes. With the movement of the African Diaspora, the remaining knowledge of these world views reverberates in different elements of Latin American culture, building processes of hybridization and nucleuses of cultural resistance. Within this context we find Afro Colombian Griot women rewriting children's stories, resignifying racial and gender relations, seeking to emphasize other possibilities, different from the ones imposed by the Eurocentric coloniality. From this context, this paper aims to point out representations to reflect on the issues of gender, race and body in the works of the Griot poet Mary Grueso Romero. It is a research constructed with the theoretical support of the decolonial studies and the black feminist thought, seeking the amplification of our perceptions about being girls, boys, black and non-black, in order to invite the construction of a decolonizing pedagogy since nursery.
Keywords: African diáspora. Gender relations. Decolonizing pedagogy. Children literature.

Yo trabajo desde la óptica de la mujer negra porque eso es lo que yo quiero proyectar, es lo que quiero que los demás miren y se den cuenta, para que así analicen y tengan elementos para la investigación. A veces pienso que es porque nos ven como negros y dicen: “ah, pues esa negra”, y ya, no llevan el análisis a otro punto. Así es que nos invisibilizan o nos discriminan, pero no se ponen a pensar por qué nosotros hacemos lo que hacemos o por qué reaccionamos de cierta manera (ROMERO, 2011).

No Brasil temos uma ampla literatura produzida por mulheres negras, todavia, é impossível deixar de levar em consideração o apagamento dessas escritoras, que por diversas gerações, não foram lançadas sob holofotes impressos e virtuais da sociedade. Deste prisma, se o cenário da criação brasileira e do ofício literário para mulheres brancas, e sua inserção no mercado editorial é difícil, para as negras, o problema é agravado com o racismo. Não é o intuito aqui problematizar os parâmetros estéticos ou a distinção entre as produções de mulheres negras e brancas, tal discurso, por si só, esvaziaria a discussão.

Neste artigo, buscamos apresentar um pouco acerca da história das mulheres negras, para tanto, começaremos nossa empreitada detendo nosso olhar sobre uma griô afrocolombiana, o intuito aqui é romper com as narrativas hegemônicas e eurocentradas que versam acerca do corpo, da identidade e ancestralidade das mulheres negras.¹ Ao tomarmos os versos de Mary Grueso Romero como fonte histórica primária, procuramos desarticular as amarras da colonialidade, que se reproduz em uma tripla dimensão: a do poder, do saber e do ser, diante disso, visamos desconstruir os essencialismos e propor uma epistemologia crítica contrapondo às concepções dominantes pautadas no racismo e no sexismo.²

O racismo e o sexismo fazem parte do alicerce da nossa sociedade, e por essa razão subsidiam as relações de poder que têm como princípio a hierarquização dos sujeitos. Tais mecanismos desencadeiam a exclusão e estabelecem-se como construtores dos estados-nações europeus, dessa maneira, pode-se afirmar que esse processo de colonização é marcado por elementos inerentes à colonialidade o que, por sua vez, passa a ser o princípio gerador das ideias assumidas pelos colonizadores, dessa forma constitui-se a fundação das relações de dominação.

Nessa perspectiva, como aponta Quijano (2005), nota-se que as situações de opressão decorrentes do racismo e sexismo são reforçadas ou indiretamente reproduzidas pela colonialidade. Como também, há “uma impossibilidade prática de dissociação entre o patriarcado, racismo, colonialismo e capitalismo, todos partem do mesmo princípio de dominação, atuando sobre mulheres como um bloqueio monolítico, e às vezes bastante pesado” (WERNECK, 2005, p. 03). Diante desses fatores é possível inferir que as mulheres acabam por se tornar “invisíveis” desencadeando complexos que afetam sua subjetividade e trajetória de vida, como explicita bell hooks³ (1995):

[...] dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente e toma o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossas ancestrais do século XIX, só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo atuando

1 Agradecemos a possibilidade de encontro com a obra de Romero, propiciada pela Profa. Dra. María Isabel Mena García, coordenadora Nacional de África em Escola e docente na Universidade Nacional Aberta e à Distância na Colômbia.

2 Este artigo foi inspirado na discussão realizada pelos autores no Simpósio Temático 34 “Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas em creches e pré-escolas: deslocamentos, transformações e conexões emancipatórias para pedagogias descolonizadoras” do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress, Florianópolis, 2017.

3 Pseudônimo grafado em letras minúsculas da escritora norte-americana Gloria Jean Watkins. Ela justifica a assinatura de suas obras como “bell hooks” afirmando que o que é mais importante em seus livros é a substância e não quem o escreve. Para pesquisadora, nomes, títulos, não têm tanto valor quanto as ideias.

juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros (Id., *ibid.*, p. 468).

As palavras da autora são resultado de sua vivência afro-americana estadunidense, porém, mesmo em um contexto sociocultural diferenciado, suas formulações são interessantes, mas, acima de tudo contribui para que possamos problematizar como as condições históricas podem influenciar na maneira como as negras e os negros constroem suas relações, bem como as estruturas racistas que marcam suas vidas. Frente a esse processo marcado pela colonialidade, lançamos os seguintes questionamentos: o que conhecemos do olhar negro a respeito dos seus corpos e ancestralidade? Como, desde bebês, as negras e os negros vão se descobrindo nesse contexto de opressão?

Para ajudar a responder esses questionamentos, trazemos os versos da professora, escritora e ativista negra Romero, voz negra reconhecida na Colômbia, seus trabalhos envolvem diversas linguagens desde a literatura e sua relação com os brinquedos até as publicações e as oficinas para crianças de zero a seis anos de idade, com efeito, a professora articula dinamismo, força e ritmos ancestrais africanos.

O território semântico em que a obra fundamenta-se é ocupado pela memória feminina negra, dessa maneira é possível que conteúdos libertários e de reivindicação do povo de ascendência africana sejam evidenciados, redefinindo, então, o sujeito negro e propondo uma reconstrução da identidade pessoal associada a uma ordem racial afirmativa da negritude. Entendemos que “negritude” é o movimento que resgata a humanidade das pessoas negras cujo pilar de sustentação é o rompimento das amarras do racismo⁴ imposto pela colonização. Esta humanização também traz à tona a percepção de que os traços fenotípicos, bem como a cor negra da pele são resultados de uma ancestralidade ética, estética, substâncias específicas, inalienáveis da civilização negra e de sua cosmovisão (DOMINGUES, 2005).

Como afirma Werneck (2005), foram muitas as matrizes culturais africanas que, transplantadas na diáspora, puderam permitir o enraizamento do enorme contingente africano, trasladando aspectos relativos à forma da organização social, partindo de um referencial afrocentrado⁵. Sendo assim, para que os diferentes elementos da África negra presentes nas culturas latino-americanas sejam bem compreendidos, é preciso que consideremos as diversas similaridades entre a sociedade lorubá, Agni-Akan e Senufo, assim como é primordial entender que não há uma única cultura em processo de socialização na África negra (HAMPÂTÉ BÂ, 2003; LEITE, 2008). No prefácio da obra *Amkoullel, o menino fula*, de Amadou Hampâté Bâ, um dos arquivos do saber negro-africano, Leite (2003) explicita uma fundamentação conceitual e teórica:

[...] existem duas maneiras principais de abordar as realidades das sociedades africanas. Uma delas, que pode ser chamada de periférica, vai de fora para dentro e chega ao que chamo de África-Objeto, que não se explica adequadamente. A outra, que propõe uma visão interna, vai de dentro para fora dos fenômenos e revela a África-Sujeito, a África da identidade profunda, originária, mal conhecida, portadora de propostas fundadas em valores absolutamente diferenciais (HAMPÂTÉ BÂ, 2003, p. 10).

Ao encontro dessa base analítica, Wade (2003) discute os modos como os “vestígios do africanismo” foram construídos e interpretados na Colômbia, com seus desdobramentos sociais e

4 Com efeito, a “branquitude” estrutural procura se resguardar em uma pretensa ideia de invisibilidade, assim, ser branco é considerado padrão normativo, dessa maneira o indivíduo ou grupo concebido é concebido como sinônimo de ser humano “ideal” (MCLAREN, 2000, p. 263).

5 Versa sob a perspectiva de localização dentro de suas próprias referências históricas e culturais, evitando a marginalização ou invisibilização de sua própria trajetória e todas as consequências negativas de não se reconhecer no projeto civilizatório e de produção dos saberes (ASANTE, 2009). Localizar-se no centro implica a assunção do papel de agente, isto é, de um sujeito protagonista e articulador de recursos para a promoção de condições favoráveis para a liberdade humana e dissolução do etnocentrismo.

políticos:

A “negritude” e a “África” têm que ser compreendidas em seus contextos históricos mutáveis; estes incluem aspectos tão variados quanto às definições da identidade nacional, o capitalismo transnacional, a política local, a produção do saber acadêmico e o modo como as pessoas concebem a si mesmas como encarnando aspectos diferentes da herança da nação, exprimíveis por uma prática corporificada. Essa ênfase no caráter contextual, todavia, precisa ser temperada pelo interesse nas continuidades. Estas últimas podem ser situadas em termos de “vestígios de africanismo”, mas é preciso fazê-lo com conhecimento das múltiplas interpretações da “África” que já vêm sendo dadas por outras pessoas (WADE, 2003, p. 174).

Nesse sentido, considerando que, historicamente, negras e negros têm sido colocados à margem da experiência social e cultural em decorrência dos efeitos da colonialidade, procurar discutir os processos de conscientização política sob a ótica afrocentrada, observando os valores sociais como parte de um projeto humano, também possibilita o entendimento de como e onde a pessoa se localiza diante da cultura.

Os livros *La niña en el espejo* e *La muñeca negra de Romero*, lançam olhares para se pensar pedagogias descolonizadoras desde a creche. Suas obras trazem uma ruptura para com a visão eurocentrada de beleza, relações sociais e constituição da identidade, tendo como principal foco a interlocução com as meninas negras. A produção literária da griô poderia ser descrita como uma “relocalização do[a] negro[a] nas estruturas da alteridade” (ESCOBAR, 2008, p. 201). Por meio de uma rememoração de outro local de percepção do mundo e das relações, a narrativa da poetisa opõe-se ao sistema de discriminação racial mediado pela cultura pautada na colonialidade, delineando, então, um reenquadramento do imaginário a respeito do negro ao reafirmar o “sentido de agência dos povos africanos” (ASANTE, 2009, p. 93) e os que se constroem na diáspora.

Na obra *La niña en el espejo*, a escritora faz uso da linguagem imagética e escrita, apresentando o processo de construção dos laços ancestrais entre a menina negra e sua mãe, bem como o reconhecimento de si e de pertencimento de grupo, o que lhe confere cultura, aparência física específica, além de formas individuais de se relacionar com o corpo e com os elementos que constituem o mundo. A “menina” explora, sensivelmente, a identidade racial asseverando de forma contundente os adjetivos que denotam as características que possibilitam sua assunção:

Se miró detalladamente y se detuvo en su rostro. Vio sus hermosos ojos negros y su largo pelo crespo, peinado en trenzas que terminaban cada una en chaquiras transparentes, una piel de color negro canela, unas mejillas tan sonrosadas que parecían dos manzanas y en el centro de ellas dos hermosos hoyuelos. Unos labios bien alineados que parecían un coral (ROMERO, 2016, p. 30).

É inegável que o encontro da menina negra com sua ancestralidade fica evidente no momento em que ela contempla seus traços físicos, o que não produz na criança um sentimento de vergonha ou ambiguidade, pelo contrário, a narrativa enfatiza o prazer deste autorreconhecimento, pois ao olhar para o espelho⁶, ela percebe, entusiasticamente, que é bela e negra como sua mãe: sua ancestral⁷. Salientamos que, na perspectiva de raiz africana, a construção do pertencimento à humanidade é estabelecida ao mesmo tempo em que se forma o pertencimento a uma

⁶ O *abebé* (espelho) aparece em inúmeros mitos da Cultura e Religião Tradicional Iorubá e tem valor epistemológico. É símbolo do autoconhecimento, da transformação e da *Iyámi Àkókó* (Mãe Ancestral Suprema), também chamada de *Òsun* (Oxum) e Mãe das Crianças; divindade cultuada na cidade de *Òsogbo* e protetora de *Abèdókúta*. Disponível em: <http://www.oduduwa.com.br/index.php>. Acesso em: 04 mai. 2017.

⁷ Como aponta a tese *Mãe negra: o significado Iorubá da maternidade* de Ronilda Ribeiro (1995), na comunidade Iorubá, a maternidade consagra a mulher ao papel de elo geracional; expressando sua força vital e expandindo sua identidade pessoal, que passa a incluir os descendentes.

comunidade, a uma sociedade, à natureza de que faz parte, não existindo a possibilidade de esses processos ocorrerem assincronicamente (SILVA, 2017).

O cabelo, a forma dos lábios, o formato do rosto são marcas físicas ancestrais, consideradas expressões e suportes simbólicos da identidade. A poetisa, ao tomar estes elementos como esteticamente políticos, coloca no bojo da discussão feminista a necessidade de se pensar as relações patriarcais-eurocentradas, que incidem diretamente sobre o corpo das mulheres e meninas negras, bombardeadas intempestivamente com as marcas coloniais de padrão de beleza. Deste ponto de vista, entendemos que o corpo não é um simples componente biológico, é um campo de significação no qual pairam as sensações, as pressões e os julgamentos (GOMES, 2002). O papel desempenhado pelo “cabelo” e pela “cor da pele” na construção da identidade negra é de suma importância, sobretudo o do “cabelo crespo”, que é apresentado na obra como elemento de valorização ancestral, extrapolando o sujeito, e estendendo-se, principalmente, até o coletivo racial a que pertence, remetendo-o de forma consciente a uma ancestralidade africana recriada, entrelaçando, dessa maneira, identidade e identificação.

Frente a uma sociedade que rejeita o corpo negro, quando a menina negra constrói uma relação positiva com seus traços fenotípicos, reescreve as tessituras prescritas pela colonialidade criando elos com sua ancestralidade, o que, por sua vez a aloca para um local no mundo, uma vez que “a definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos etc.” (MUNANGA 1994, p. 178). Todavia, é essencial frisarmos que o processo da construção da identidade não é estabelecido de modo isolado, mas sim na relação com o/a outro/a, ou seja, uma relação dialética entre a pessoa e a sociedade, que pressupõe uma interação, pois mesmo que sujeito se reconheça inserido em determinado grupo, é necessário que haja uma resposta social a essa inserção. Desse modo, “nenhuma identidade é construída no isolamento, ao contrário, é negociada duramente a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros” (GOMES, 2008, p. 20-21) e nas diversas situações do cotidiano.

Nesse sentido, durante a história, mãe e filha produzem um saber que potencializa a construção positiva do pertencimento racial da menina negra. Essa trama ancestral faz emergir o papel exercido pelas mulheres na divisão do poder, constituindo fontes de legitimação na medida em que é por meio delas que se configuraram as ascendências (LEITE, 1995/1996). A relação estabelecida entre Alba Rocío (a menina) e Doña Soffy (a mãe) reforça o papel central que as mulheres negras têm tanto nas sociedades do Pacífico colombiano quanto no Brasil, nas quais a figura da mulher negra fornece aportes culturais positivos às crianças. Como aponta Davis (2016), as estruturas racistas coloniais contribuíram para que as mulheres negras carregassem um legado distinto dos aportes africanos, historicamente, por estarem na condição de escravas, essas mulheres foram tratadas de modo a ofuscar diversos aspectos de suas existências. Além, de terem seus corpos violentados pelo estupro, somente os seus papéis como trabalhadoras foram valorizados, por isso, foram forçadas a exercerem as mesmas funções designadas aos homens, não existindo assim uma diferenciação de gênero. Sem dúvida, inferimos que este contexto coloca em cheque a ideia da “fragilidade feminina”, submissa e dependente do homem.

Tendo em vista tais imposições históricas, sociais e culturais que dificultam a “condição feminina”, entendemos que a construção de uma identidade ligada à negritude e ancestralidade representa um grande desafio para a mulher negra, outros fatores também são igualmente desafiadores, por exemplo: reconhecer as próprias experiências, escrever sua história e propagar as vozes que a definem. Afinal, como diz (SILVA, 1998, p. 20) “queremos nos fazer ver e conhecer tal qual somos [...], até nos sentirmos representadas nas estatísticas [...], suprimir as opressões que nos são impingidas”. A centralidade desse papel da mulher negra na construção e manutenção desses dispositivos é uma concepção remanescente das sociedades africanas lorubá, Agni-Akan e Senufo, cujos membros foram arrancados da África e transportados como escravos para as Américas.⁸ Ao longo do tempo, esses povos possuem uma organização social matrilinear que

⁸ Três complexos civilizatórios da África do Oeste: os lorubá, do Benin (reino de Ketu) e da Nigéria (reinos de Ifé e Oyo), os Agni-Akan, da Costa do Marfim (reinos dos Ndemie, Samwy e Morofoe), e os Senufo do mesmo país (LEITE, 2008). Sociedades negro-africanas nas quais os aspectos e normas de conduta social reverberam em diversos países da diáspora.

destaca o reconhecimento da mulher como portadora da vida, condutora da regeneração espiritual dos antepassados, transmissora da cultura e sujeito central da sociedade; a mulher é reverenciada pelo homem como a base da estrutura social (LEITE, 2008).

Essa forma de organização é um princípio que influencia as relações sociais dos afrodescendentes que se constroem nos fluxos diaspóricos, estamos nesse momento nos referindo ao que Silva (1995) conceitua como “africanidades”, ou seja, a herança que mulheres e homens africanos deixaram para nós, nos ensinando “uma invejável capacidade de resistência, uma forte e esperançosa crença nas pessoas, [...] uma ação criadora capaz de enfrentar as continuadas tentativas de extermínio do povo negro” (SILVA, 1995, p. 29). Dentro desses aportes ancestrais, a figura da mulher é destacada com este referencial, e isso aparece na literatura de Romero.

Diante desse contexto, o patriarcado é tensionado, deixando de ter a mesma força presente na perspectiva eurocêntrica, conseqüentemente, as mulheres negras fundamentadas na cosmologia africana passam a exercer funções determinantes no espaço público, nos postos de lideranças e nas ações políticas. Assim, o conto infantil nos convida a uma reinterpretação das relações de gênero e raça que não enaltece o medo e a dor, típicos do imaginário social do patriarcado racista e sexista, também não apresenta a figura da mulher negra ligada ao erotismo, ao invés disto, desvela uma relação de respeito e solidariedade entre as figuras femininas centrais da obra.

Essa mesma estrutura também aparece na sociedade Fula, um grupo étnico que compreende várias populações espalhadas pela África Ocidental, na África Central e no Norte de África sudanesa, como destaca Leite (2003) no prefácio de *Amkoulel*, o menino fula:

A importância atribuída à mulher, valorizada enormemente em vários sentidos, seja na organização e administração da família, seja na legitimidade dos usos e costumes, nas composições e tramas políticas, no amor e na morte, na maternidade e na educação. Aqui a mulher é vista com maior realidade, libertada da visão equivocada de uma mera reprodutora (HAMPÂTÊ BÂ, 2003, p. 11).

No livro *La niña en el espejo*, o vínculo entre Doña Soffy e Alba Rocío desenha o elo diaspórico constituído na interlocução com os aportes da cultura africana, e delinea uma iconografia positiva de representação da feminilidade negra. Conforme Hampâtê Bâ (2003, p. 51) “a mulher é considerada a oficina divina, onde o criador trabalha diretamente, sem intermediários, para formar e levar à maturidade uma nova vida. É por isso que na África é respeitada quase como uma divindade”. Portanto, nessa história, a menina negra descobre que faz parte de um legado africano, ao mesmo tempo, afetivo e racial; a força e o amor por sua mãe, e vice-versa, é uma relação ligada à ancestralidade africana.

Essa temática da construção da identidade, e sua relação com os laços familiares⁹, continua no livro *La muñeca negra* (como podemos notar nas imagens abaixo). A história trata de uma bela menina negra que quer se reconhecer em seus brinquedos; por conseguinte, ela deseja ter uma boneca com a sua característica física. Sobre este ponto, enfatizamos que a impossibilidade de as crianças negras reconhecerem referências do patrimônio cultural afro gera um vazio, um buraco, que acaba por ser preenchido por toda ideologia racial da “branquitude” (BENTO, 2012).¹⁰

Nessa história, a autora destaca ao longo da narrativa como a menina é bela por ter o fenótipo negro: “(...) una hija muy linda, de piel negra, tan brillante, que el sol salía para verla y la luna para saludarla, tenía unos ojos color miel y dientes que parecían pedacitos de carne de coco” (ROMERO, 2016, p. 5), como também traz a figura da criança como ator social ativo, que questiona

⁹ Para as feministas não negras e de classe média, a compreensão da família como estrutura de opressão é muito mais presente. Contudo, dentro do feminismo negro, entende-se que nesse espaço social também pode ocorrer uma humanização que não é experimentada no mundo externo em que as pessoas negras são confrontadas com as diferentes formas de opressão (bell hooks, 2000). Outro importante elemento a ser destacado, é o de que as representações das famílias negras na sociedade eurocêntrica são marcadas tanto com elementos pejorativos quanto por categorizações não estruturadas.

¹⁰ A pesquisadora colombiana García (2006) destaca que grande parte da representação dos afrocolombianos na iconografia é marcada por princípios racistas que ressoam a imagem de um colonizar não negro vigilante e soberano, bem como só apresenta pessoas afros e indígenas trabalhando; uma reafirmação do legado da colonialidade.

a não existência de bonecas com seus traços físicos, tensionando a noção eurocêntrica presente nos diversos brinquedos produzidos em sociedade. Assim, poeticamente, a menina enfatiza como ficaria bonito um brinquedo com sua característica: “pero mamá... yo quiero una muñeca, que sea de mi color, que tenga los ojos de chocolate y la piel como un carbón” (Id., *ibid.*, p. 11). Tarefa difícil para sua mãe que responde às indagações e ao desejo de sua filha: “¿Cómo que se la pidás a Dios? Si muñeca negra del cielo no manda Dios. Buscá tu pedazo de trapo y hacé tu muñeca vos” (Id., *ibid.*, p. 13), pensando, inclusive, na possibilidade de confeccionar o artefato, de acordo com a sua possibilidade socioeconômica.

Nesse contexto, depreendemos que o conto *La Muñeca negra* determina diretrizes positivas para a construção da identidade negra, portanto, se tomamos como verdade que os brinquedos são objetos de identificação e representação, logo podemos dizer que é por meio deles que as crianças negras desenvolvem a autoestima, como resultado, aprendem a valorizar o modo de ser entrando em contato com um discurso cultural sobre a sociedade, o que lhe permite atuar com base em códigos sociais (BROUGÈRE, 2010). Nas comunidades negras do Pacífico colombiano, a boneca é um objeto confeccionado pelas próprias mulheres, e tem origem na diversidade cultural. Ela é tomada como artesanato étnico, possui status e funciona como ornamento popular, revestem-se de ricos significados de beleza, de corpo e de sujeito; um artefato que ajuda a construir noções de diversos temas ligados à cultura local.

Por meio das relações com o mundo, mulheres, homens e crianças, ao longo de suas vidas, fazem e refazem seus jeitos de ser, viver e pensar. Em face disso, a poetisa afrocolombiana nos coloca diante de uma questão importante para o entendimento das tramas da colonialidade: o desejo da pequena Maria em ter uma boneca que dinamize e revele-se negra, há aí diversos mecanismos normativos, que subsidiam os padrões estéticos e corporais na sociedade, que interdita o exercício das pessoas negras de se reconhecerem no mundo.

O movimento diaspórico e feminista negro foi constituído por diversos conhecimentos remanescentes da cosmovisão africana. Esses aportes também reverberam em diferentes elementos da cultura latino-americana, construindo processos de hibridização e núcleos de resistências culturais. Assim, imbuídos de poesia latino-americana e do arcabouço afrocentrado, indagamos: qual a contribuição dos versos de Romero para a reinterpretação das relações de gênero e construção de pedagogias descolonizadoras em creches e pré-escolas?

A poética dessa griô afrocolombiana, assim como as contribuições das pesquisadoras e pesquisadores presentes neste artigo, formam um painel narrativo à semelhança de um caleidoscópio, vivo e cambiante, que nos possibilita pensarmos de uma perspectiva pedagógica e crítica que procura racionalizar as percepções construídas em torno das crianças, das infâncias e dos modos de estar no mundo – ao mesmo tempo que articula o reconhecimento da memória e ancestralidade negra. Para as/os docentes que atuam com crianças pequenininhas e pequenas, os escritos de Romero são invitações que ajudam a romper o essencialismo presente nas representações das mulheres, homens, meninas e meninos, bem como nas estruturas sociais historicamente marcadas pelo racismo e o sexismo.

O feminismo negro não estabelece só uma luta diária contra as estruturas do patriarcado e o sexismo, mas também desarma as estruturas eurocêntricas de representação da mulher, dos corpos e das relações sociais, descolonizando a iconografia pejorativa em torno da ancestralidade e das relações entre os membros da comunidade negra, ao mesmo tempo em que direciona a criação de artefatos e saberes que desarticulam a história única e diálogos monolíngüísticos estabelecidos pela colonialidade.

Concluimos que, frente a tudo o que aqui foi exposto, há noções de gênero, raça e corpo que são construídas a partir da experiência com a negritude e ancestralidade, e não somente do ponto de vista da “branquitude” e dos efeitos da colonialidade; acreditamos que este assunto não seja tão pertinente para alguns grupos sociais, mas, para outros, no entanto, pode ser o elemento que alarga as discussões sobre a infância, a construção das relações humanas e as relações de gênero.

Referências

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin Nascimento (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo:

Selo Negro, 2009, p. 93-110.

BELL HOOKS. **Feminist theory: from margin to center.** Cambridge – MA: South End, 2000.

_____. **Intelectuais Negras.** Trad. Marcos Santarrita. Estudos Feministas. Ano 3, 2º semestre 95, p. 464-478.

BENTO, Maria A. S. **A identidade racial em crianças pequenas.** In: BENTO, Maria. A. S. (Org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - Ceert, 2012, p. 98-117.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** São Paulo: Cortez, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica.** Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.

ESCOBAR, Arturo. **Territories of Difference.** Place, Movements, Life, Redes. Durham & London: Duke University Press, 2008, p. 201.

GARCÍA, María Isabel Mena. La historia de las personas afrocolombianas a partir de las ilustraciones contenidas en los textos de Ciencias Sociales para la Educación Básica. **Enunciación**, v. 11, n. 1, p.46-58, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão.** In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte. Tese (Doutorado).** Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, **Universidade de São Paulo – USP, 2002.**

HAMPÂTÉ BÂ, **Amadou. Amkoullel, o menino fula.** Trad. Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003, p. 10-51.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. **A questão ancestral: África negra.** São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.

_____. **Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-Africanas. África: Revista do Centro de Estudos Africanos.** USP, S. Paulo, 18-19 (1): 101-118, 1995/1996.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Revolucionário: pedagogia para o novo milênio.** Trad. Márcia Moraes e Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p. 263.

MUNANGA, Kabengele. **Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil.** In: SPINK, M. J. P. (Org.). A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder Eurocentrismo e América Latina.** In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO,

2005.

RIBEIRO, Ronilda. **Mãe negra**: o significado ioruba da maternidade. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo – USP, 1995.

ROMERO, Mary Grueso. **La niña en el espejo**. Ilust. Vanessa Castillo. Colección de Cuentos Ilustrados de Niños Afrocolombianos – Pelito de Chacarrás. Buenaventura: Apidama, 2016.

_____. **La muñeca negra**. Ilust. Vanessa Castillo. Colección de Cuentos Ilustrados de Niños Afrocolombianos – Pelito de Chacarrás. Buenaventura: Apidama, 2016.

_____. **De cómo expandir el espacio de la**. Biblioteca Virtual - Biblioteca Luis Ángel Arango, 2011. Disponível em: <http://www.banrepultural.org/blaavirtual/biblioteca-afrocolombiana/antologia-mujeres-poetas-afrocolombianas/multimedia-entrevista>. Acesso em: 5 mai. 2017.

SANTIAGO, Flávio; PEREIRA, Artur Oriel. Invitações Griôs Afrocolombianas para reinterpretação das relações de gênero e construção de pedagogias descolonizadoras. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, Florianópolis, 2017 (**Anais Eletrônicos**).

SILVA, Petronilha B. G. e. **O sentimento, a compreensão de que se pertence à humanidade começa desde sempre**. In: SANTOS, Solange Estanislau dos; SANTIAGO, Flávio; BARREIRO, Alex; MACEDO, Elina Elias; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Pedagogias descolonizadoras e infâncias: por uma educação emancipadora desde o nascimento, 2017 (Em prelo).

_____. **Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas**: Situando-nos enquanto mulheres e negras. Cad. CEDES, Campinas, v. 19, n. 45, p. 7-23, jul. 1998.

_____. **Africanidades Brasileiras**: como valorizar raízes e afro nas propostas pedagógicas. Revista do professor, Porto Alegre, v. 11, n.44, p. 29-30, 1995.

WADE, Peter. **Compreendendo a “África” e a “negritude” na Colômbia**: a música e a política da cultura. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, n. 1, 2003, p. 145-178.

WERNECK, Jurema. **De Lalodês e Feministas** – Reflexões sobre a ação política das mulheres negras na América Latina e Caribe. Nouvelles Questions Féministes – Revue Internationale Francophone, v. 24, n. 2, 2005.

Recebido em 9 de novembro de 2018.

Aceito em 12 de abril de 2019.

RELAÇÕES INTERTEXTUAIS NO ROMANCE *POR QUE SOU GORDA, MAMÃE?*, DE CÍNTIA MOSCOVICH

INTERTEXTUAL RELATIONS IN NOVEL *POR QUE SOU GORDA, MAMÃE?*, BY CÍNTIA MOSCOVICH

João Pedro Rodrigues Santos 1

Resumo: Neste artigo realizamos um estudo sobre os processos de intertextualidade presentes no romance contemporâneo *Por que sou gorda, mamãe?*, de Cíntia Moscovich, publicado, pela primeira vez, em 2006. Primeiramente, retomamos alguns conceitos e perspectivas sobre intertextualidade. Depois, rastreamos alguns diálogos e algumas influências que identificamos na construção do romance em questão. Em nossa leitura, identificamos relações intertextuais no romance de Moscovich, sobretudo, com a obra de Franz Kafka. Evidenciamos, no desenrolar da pesquisa, que a literatura contemporânea se concretiza, essencialmente, através do diálogo. Cada obra literária é apenas a ponta de um iceberg. Mergulhando nas profundezas, encontramos muitos outros textos que servem de alicerce para cada obra.

Palavras-chave: *Relações de intertextualidade. Literatura contemporânea. Diálogo.*

Abstract: In this paper we study the processes of intertextuality present in the contemporary novel *Por que sou gorda, mamãe?*, by Cíntia Moscovich. The novel was first published in 2006. We return to some concepts and perspectives on intertextuality. After that, we looked for some dialogues and some influences that we identified in the construction of the novel. In the analysis, we identified intertextual relations in Moscovich's novel, especially with the work of Franz Kafka. In the development of the research, it has been verified that contemporary literature is concretized essentially through dialogue with other literatures. In short, each literary work is just the tip of an iceberg. Entering the depths, we find many other texts that serve as a foundation for each work.

Keywords: *Intertextuality relations. Contemporary literature. Dialogue.*

Graduado em Letras, com habilitação em Português e respectivas Literaturas, pela Universidade Federal do Pampa. Mestre em Letras, na área de Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Sua dissertação de mestrado abordou a ficcionalização da morte nos contos da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles. Além disso, possui especialização em Educação a distância e novas tecnologias, pela Faculdade Educacional da Lapa. Atualmente, está cursando o doutorado em Letras, na área de História da Literatura, na Universidade Federal do Rio Grande.
E-mail: jpsantosr@hotmail.com